

ORGÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DO PORTO - PUBLICA-SE QUINZENALMENTE -

Administrador: JULIO DE CARVALHO VOUGA REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO

Director - J. DE ESPREGUEIRA MENDES

AVULSO, \$40 Cent. - TRIMESTRE, 2\$40 Esc.

AGOSTINHO GONÇALVES e imp na Tip. O PRIMEIRO DE JANEIRO Rua Santa Catarina, 326 - Porto

DIRECÇÃO

Todos conhecem já, certamente, o resultado das eleições ultimamente realizadas para os novos corpos gerentes da Associação dos Estudantes do Porto.

Gente nova que chega cheia de esperanças no futuro da Associação, gente nova que vem disposta a contribuir com o seu trabalho, sacrificando-se, se necessário fôr, pelo levantamento da Academia do Porto.

Muita dedicação teem os novos eleitos mostrado possuir pelas coisas académicas, e isso para nós é uma esperança, quasi uma certeza, de que a nossa Associação progredirá a olhos vistos, quer material, quer moralmente durante o ano da sua gerencia, que ha poucos dias começou.

Alguma coisa fez já, sem duvida, a Direcção passada durante a sua curta, mas laboriosa, permanencia à frente dos nossos destinos.

No entanto, tudo o que ela conseguiu à custa dum enorme trabalho e sacrificio dignos de louvor, é ainda uma pequena parte do muito que ha a fazer, do imenso numero de assuntos que se devem abordar, e que a nova Direcção não deixará, com certeza, passar no rol do esquecimento.

Alguma coisa está jà

Aproveitaremos nós essa parte que nos legaram e continuaremos sem desvanecimentos nem hesitações a obra encetada por aqueles que nos precederam, deixando-nos caminho aberto para novos empreendimen-

Precisamos de trabalhar muito, se alguma coisa de proveitoso queremos conse-

Precisamos de cuidar sériamente do nivel moral da nossa Academia, primeiro ponto que devemos ter em vista, para que possamos progredir sem dificuldades que nos façam vacilar.

Não poderão descançar os novos eleitos, à trente dos quais está, indubitavelmente, um rapaz de trabalho e de iniciativa que, se assim o quizer, muito poderá contribuir para o engrandecimento, prestigio e bom nome da Academia a que agora preside.

Que não descance nem deixe descançar um só momento os que comsigo trabalham, lembrando-se sempre de que uma Academia inteira está de olhos fitos no seu novo Presidente, confiada no elevado espirito académico de que é possuidor, e que muito virá, certamente, produzir em prol da Associação dos Estu-

Assim esperamos que aconteça e daqui fazemos votos para que, ao terminar o seu mandato, a Academia que agora o elegeu o possa então aplaudir sinceramente e despedir-se dêle com saudade.

A NOVA A Associação dos Estudantes presta justa homena- VERDADES gem aos três baluartes da Academia do Porto:



MARQUES GOMES, Filho

Academia, como pela gente do Porto e não necessitam dos nossos encomios, nem da publicidade do muito que tem feito pela Academia e pelo Porto, para que se imponham ao respeito de que são merecedores. Não. O "Porto Academico,, é que, muito expontaneamente quer frisar aos homenageados, de uma forma iniludivel, o muito apreço em que os tem, louvando ao mesmo tempo a Direcção cessante da Associação dos Estudantes do Porto por tão simpatico como significativo gesto.



MARQUES GOMES, Filho

Associação dos Estudantes do

CLEMENTE RAMOS

MODESTO OSORIO

Porto de eleger seus socios honorarios os

excelentissimos senhores engenheiros Mar-

ques Gomes, Filho, Modesto Osorio e Dr

Clemente Ramos. Foi um acto de justiça. Ha

já muito tempo que esta ideia tinha tomado

vulto, nas só agora teve finalidade. Os home-

CLEMENTE RAMOS E MODESTO OSORIO

Em defeza da FACULDADE TÉCNICA

Os nossos colegas desta Faculdade no firme desejo de combaterem pelo honroso nome da sua Escola de Engenharia, que foi a primeira do Paiz, acabam de encetar um movimento que terá por fim desfazer alguns obstaculos que edcontram no seguimento dos seus cursos, de maneira a conquistarem a mais ampla liberdade de trabalho e de estudo sem fugirem de nenhum modo às responsabilidades inerentes a todos os cursos superiores.

Agradecemos as copias dos requerimentos que já enviaram aos Dig. mos Ministro da Instrução e Conselho Escolar e que nos põem claramente ao corrente das suas reclamações justissimas.

Reproduzimos integralmente o requerimento que enviaram para Lisboa e que era acompanhado de uma representação justificativa, assinada pelos 50 alunos que constituem todos os cursos de Engenharia, ao mesmo tempo que transcrevemos a participação que fizeram ao Conselho Escolar pedindo que os auxiliasse a demover dificuldades que só prejudicam o bom andamento do ensino.

Ex. mo Sr. Ministro da Instrução:

A totalidade dos alunos da Fa-culdade Técnica do Porto, dirige-se respeitosamente a V. Ex.ª pedindo que seja feito um inquérito imediato á possibilidade de cumprir rigorosamente o regulamento elaborado pelo Conselho Escolar da mesma Faculdade e aprovado por decreto de 29 de Janeiro de 1921, sendo ministro da Instrução

o actual Reitor da Universidade do Porto, Ex.^{mo} Sr. Dr. Augusto

O citado regulamento foi posto pela primeira vez em vigor no ano lectivo de 1921-22 para os alunos que actualmente frequentam o ultimo ano dos Cursos de Engenha-ria, que então protestaram contra a introdução do regimen de «Exames de frequencia» que sómente acarretariam prejuizos para os estudantes, e cuja inutilidade para o aproveitamento escolar só não pre-via o legislador que desconhecesse por completo a organização in-terna da Faculdade Técnica do

O protesto dêsses alunos le vou-os a faltar ao primeiro exame de frequencia, ficando por êsse facto com as inscrições de matricula anuladas e tendo sido encerrados os trabalhos práticos e as aulas pelo Ex. mo Director á face do regulamento, durante os dois mezes em que se debateu o con-flito. As razões apresentadas como justificação da atitude dos estu-

dantes foram em resumo duas: -ou os exames de frequencia seriam feitos com todo o rigor e os alunos não tinham elementos suficientes para uma preparação proveitosa, porque era humana-mente impossivel, com um horário das 8 ás 18 horas, conseguir tempo bastante para compilar os apontamentos, preparar os projectos de trabalhos práticos e simultanea-mente estudar a parte teórica, dia a dia, para fazer exame de to-das as cadeiras em Janeiro e em

-ou os exames de frequencia seriam simplesmente um pro-fórma sobre assuntos limitadissimos não dispensando nunca por êsse facto a realização duma prova final so-bre todas as materias, e assim a inutilidade dos exames chamados de frequencia era manifesta e um embaraço para o bom seguimento do ensino, pois nos trabalhos práticos tri-semanais e obrigatorios muito melhor podia o professor e o assistente avaliar do aproveitamento e frequencia do aluno que

no fim do ano iria apresentar-se a ser marcado dentro da primeira fazer o exame total da sua ca- quinzena de Janeiro.

Forçados a reconhecer a justiça das reclamações académicas pela atitude firme e decidida dos Estudantes, os poderes superiores propuzeram a plata-fórma de se fazer um só exame de frequencia nêsse ano, dando alguns professores notas escritas para auxiliar o es-

Aceitaram os estudantes essa plata-fórma que afinal representa-va um adiamento do conflito para ocasião mais oportuna em que houvesse mais probabilidades de alça completa para as es, porquanto nessa vez ministro da sr. dr. Augusto estudantes, não o regulamento opuzera á sanção reria indispôr-se com egas da Universidade que o tiham elaborado, introduzindo-lh: qualquer alteração que fosse de encontro à opinião do Conselhe Escolar.

Quizeram por isso os Estudantes da Facullade Técnica deixar pas-sar o ano lectivo completo de 1922-23 en que o regulamento foi cumprido integralmente no respei-tante aos citados exames, para vir com o resultado dessas provas ex-perimentadas, que só vieram justi-ficar as anteriores reclamações, mostrar a V. Ex.ª na representação que enviam junto, a necessidade urgente dum inquérito que torne viavel o regulamento dentro da or-ganização actual do ensino na mesma Escola. Crentes que V. Ex.ª lhe fará justiça tomando em consideração o facto de ser uma Faculdade inteira a reclamar como uma só voz, os Estudantes de Enge-nharia do Porto pedem a maior ur-gencia no inquérito e enquanto êste se realiza a suspensão dos exames de frequencia, a fim de evitar a re-petição do conflito de 1921 que poderá originar o encerramento da Faculdade Técnica se forem anu-ladas todas as inscrições de matri-cula, visto os alunos terem resol-

vido faltar em sinal de protesto ao

primeiro dêsses exames que deve

Ao Dig. mo Conselho Escolar da Faculdade Técnica do Porto:

A totalidade dos alunos da Faculdade Técnica do Porto enviam a V. Ex. uma cópia do requerimento e representação que aca-bam de enviar ao Dig. Ministro da Instrução Publica, pedindo um inquérito ao Regulamento e a sus-

ensão dos exames de frequencia. Desejam os alunos unicamente limar algumas arestas do referido Regulamento em vigor, facto que de nenhum modo representa um ataque ao bom nome da Faculdade Técnica, mas sim o firme desejo de levarmos da nossa Escola o má-ximo cabedal de conhecimentos para honrar o seu nome no bom desempenho da profissão que nos propuzemos seguir.

Ora o Regulamento em vigor sem melhorar o ensino cria embaraços que urge a todo o momento modificar.

Esperamos que o Dig.^{mo} Conselho Escolar nos ajude no sentido de alterar o Regulamento sem ser necessário provocar conflitos de maior vulto, pois, só pedimos um inquérito leal que faça ampla justiça ás nossas reclamações.

Em face destas razões claramente expostas não duvidamos que lhes seja feita toda a justiça e chamamos pela nossa parte, como orgão oficial da Associação dos Estudantes do Porto, toda a atenção do sr. Ministro e do Conselho Escolar sobre êste assunto. Quanto aos nossos camaradas, que contem com o nosso apoio franco, pois as colunas dêste jornal não se fizeram senão para que fossem o porta-voz dos protestos e reclamações académicas.

Causou sucesso a forma alevantada e energica como varios assumptos de importancia primacial para o bom nome da Universidade, foram tra-tados no "Porto-Academico". Talvez se não esperasse um orgão de tamanho combate, mas a verdade é que os assumptos obordados são de tão grande interesse para todos nós, que as discordancias — se as houve - nem se ouviram, tantos foram os aplausos e incitamentos recebidos.

E ainda bem que a Academia do Porto fez ouvir a sua voz! A epoca que atravessamos é de reclamações. Ouçam-nos os conselhos das Faculdades, ouça-nos o Senado Universitario!

Se prezam o bom nome da Universidade que dirigem, se desejam fazer alguma coisa de proveitoso — e ha tanto, tanto que fazer! - auxiliem-nos na obra de levantamento que pretendemos efectuar. Todas as energias são precisas.

O indiferentismo e o tradicional deixa correr de tão funestos resultados tem de termi-

Se a nossa Universidade não está melhor instalada, é simplesmente devido á falta duma voz destemida que peça, que exija de qualquer maneira aquilo a que temos direito, aquilo que o Estado tem o dever movel de nos fornecer. As reclamações, se as tem havido, são frouxas e timidas, insuficientes portanto para comover aqueles que teem obri-gação de olhar por estas coi-

Mas, da nossa parte tem havido tambem grandes cul-

A nossa apatia, verdadeiramente criminosa, chegou ao ponto de nem sequer nos incommodarmos a dar apoio ao Conselho da Faculdade de Medicina, quando o ano passado, num gesto nobre, tentou tirarnos daquela casa quasi a derruir! Aqui confessamos a nossa culpa, notada sem duvida por aqueles que mais se interessaram pela nossa ida para o edilicio do antigo Instituto Moderno, hoje sacrilegamente transformado em quartel!

Mas o erro será resgatado pela campanha persistente que o "Porto Academico" manterá daqui para o futuro, campanha ardurosa e entusiastica, porque é movida por uma academia feita em novos moldes e acordada do somno pernicioso em que esteve mergulhada.

Queremos trabalhar para bem da nossa Universidade! Não nos serve quasi nada do que existe!

Senhores Professores auxiliem-nos, façam côro com as nossas vozes!

A cada passo se ouve os mestres apregoarem as vantagens do ensino pratico, sem duvida proveitoso quando criteriosamente acompanhado dos indispensaveis ensinamento teoricos; mas onde temos os meios para seguirmos essa moderna e racional corrente pedagogica?

Os laboratorios são em geral acanhados e mal fornecidos; os museus insuficientes. Póde isto continuar assim? Que de Lisboa venha a seiva

que tudo alimenta! Que em Lisboa se lembrem

da Universidade do Porto, onde as instalações estão longe de corresponder ás necessidades da orientação moderna

Para bem do ensino, para bem do nome nacional, dotem-se as Universidades com aquilo que o progresso dia a dia nos vae fornecendo. Só assim conseguiremos criar dentro da nossa Patria competencias insufismaveis, aproveitar valores e conjugar muitas energias dispersas!...

A Dor! - tão afeito estou a ela Que sem ela já não sei viver... Deixará a vida de ser bela, Se algnm dia a minha Dor morrer.

E, se a minha Dor morrer um dia, Que tenham de mim imensa pêna; Irá néla a última alegria... E meu corpo já será gangrena!

Não terei os sonhos que ora tenho; E as ilusões que inda me sustem, A' custa das quais eu me mantenho, Serão mortas já p'ra mim, tambem...

Só de Dor é feita a minha vida, Dêsde aquêle instante em que nasci: E na hora cinzenta, dolorida, Em que êstes meus versos escrevi,

Era a Dor ainda que vivia Cá dentro a sangrar meu pobre peito, N'uma funda e horrida agonia Dum Ideal, dum Sonho já desfeito.

Viverei enquanto a Dor viver Dentro do meu triste coração: Com ela serei, quando morrer, Recolhido em fúnebre caixão.

Pois que a Dor, sem mim, não anda bem E eu, sem ela, fico inda mais triste: Tal como se fôsse uma outra mãe Sem a qual minha Alma não existe.

Por isso, em a minha Dor morrendo, Chorem muitas lágrimas por mim: Que, embora no peito vá batendo O coração, tem chegado o fim ..

Braga - Agosto de 1923

MATHEUS DE MACEDO

UMA CARTA

O antigo Director do "Porto Académico", nosso amigo A. G. dos Santos Nobre, teve a amabilidade de nos escrever, cumprimentando-nos pelo reaparecimento do nosso jornal.

Reproduzindo a sua carta, agradecemos as boas mas imerecidas palavras que nos dirige.

Meus amigos: Meus bons amigos:

Venho escrever-vos, no cumprimento daquilo que julgo meu dever. Crêde que me não surpreendeu o novo aparecimento do jornal que dirigis e a que eu, durante um ano dei todo o meu esforço humilde, poderosamente auxiliado pelo entusiasmo de meia duzia de môços, estudantes como vós o sois e estudantes como eu tambem o fui. E não me surpreendeu, repito, porque confiava plenamente nas vossas qualidades de môços académicos do

Aqui, nêste afastado recanto da cidade capital, recebi a encantadora visita do vosso quinzenário e mais uma vez, crêde, meus bons amigos, acordaram em mim as saudades que tenho tido dos bons colegas que por aí deixei.

Embora estudasse e admirasse a vossa orientação como o mais esquecido dos vossos leitores, por agora só me compete felicitar-vos pelo imenso carinho de que cercastes o vosso jornal, esse menino já de dois anos que eu vi nas-

Mas, permiti que vos diga tambem aquilo que a experiencia me ensinou:

Segui sempre o caminho que já deveis ter delineado; ouvi com aprumo as frases mentirosas daqueles que a verdade não protege; sêde orgulhosos, bem orgulhosos da vossa obra, mas com aquele orgulho que a mim me permite rir de quem passa; quando passa quem se ri de mim.

Caminhai sempre no caminho que acabais de abrir e esquecei, humildemente vo-lo peço, os êrros graves, certamente indesculpaveis da Empreza Fundadora do "Porto Académico". Nem mesmo percais o vosso tempo, como muito bem fizestes nos vossos dois primeiros numeros, a censurar a sua obra, construida bem á beirinha de abismos escuros e insondaveis.

Por tudo isto, crêde meus bons e leais amigos, que me não causou espanto o reaparecimento do jornal que orgulhosamente confiei à vossa

cuidadosa guarda. Finalmente, deixai que eu continue a ser o humilde, esquecido e atento observador de todo o vosso empreendimento e recebei um saudoso abraço do vosso

A. G. SANTOS NOBRE. Lisboa-Escola Militar-1-XII-923.

* * Comment of the Co

A Dor!... COMENTARIOS...

Na redacção do «Porto Academico» têm aparecido coisas engraçadissimas, desde os artigos sem titulo, até á prosa barbara, do tempo em que as virgulas e os pontos ainda não estavam em uso. Felizmente que todos esses mimos aparecem sem o nome dos seus ilustres fabricantes ou pelo menos ha o cuidado de o esconder por traz de pseudonimos esquisitos, mas por vezes bem significati-

Numa reunião da Faculdade de Medicina foi dissolvida por unanimidade a Junta de Paroquia de S. Nicolau. Daqui enviamos os para-bens aos alunos da Medica porque, na verdade, os Senhores da Jun-ta nada tinham com o subsidio que a Camara do Porto deu para as festas do Centenario da Escola.

As suas atribuições são outras e principalmente o que recomen-damos é que tratem de assuntos que entendam, senão sugeitam-se a que daqui berremos: quem te man-da, sapateiro, tocar rabecão?

Trata-se já das festas que em Junho de 1925 se vão realizar, comemorando a fundação da Escola Medica. Em nosso entender essas festas devem ter uma feição muito geral, devem ser festas da cidade. Sempre queremos vêr se muitos se limitam a vêr, continuando com os cofres fechados...

Sobre êste assunto havemos de conversar qualquer dia.

Ha dias traziam os jornais uma noticia ácerca de uns convites que certo Professor da mesma Faculdade recebeu, convites muito honrosos, mas que o estado de saude daquele mestre o inibe de aceitar. Ora o «Janeiro», o «Noticias» e o «Comercio» traziam a noticia exactamente com as mesmas pala-

Não achamos isto bonito porque se vê logo que a origem foi a mes-ma, talvez — quem sabe? — com o fim de amenisar a noticia do pedido de exoneração do cargo de Di-

rector...
Entendem?

E' lamentavel que as eleições da Associação fossem tão pouco concorridas. Não entramos em apreciações, porque, se o fizessemos, teriamos que ir muito longe; apenas registamos o facto.

Voltamos hoje a falar do Orfeon, não para dar noticia do entusiasmo com que vão decorrendo os ensaios, mas sim para lembrar ao sr. dr. Marques Gomes a conveniencia de nomear - como ficou decidido na ultima assembleia geral—a nova Direcção.

E' preciso que isto se faça quanto antes para conservar a discipli-na que tem havido até agora e fazer aumentar a esperança dum ano de glorias para o Orfeon Academico do Porto.

Vamos agora reproduzir uma scena muito significativa. Numa escola superior encontra-

va-se, certo dia, um professor ensinando a dois alunos-um dos quais formado em matematica - percentagens. Mas com mêdo de se não fazer entender, acrescentou a certa altura: «sim, zero virgula cinco, quer dizer cinco por cento; zero virgula cincoenta, cincoenta por cento, entendem?»

Nós entendemos um rouco mais do que ele julga...

FALECIMENTO

Fômos dolorosamente surpreendidos pela noticia do falecimento do extremoso pai do nosso amigo Albino Tavares de Almeida, quintanista de Medicina. Os nossos sentimentos.

FUTURISMO

O monóculo e os dandis—
 As janelas e os impostos—
 Pela aragem se vê quem vai na carruagem—

Uns vidritos caros, e de augmento constante, passeiam amirantados na órbita dos nossos elegantes. E' doença? E' moda? E' snobismo? Não sabemos. São frequentes, isto é que podemos responder com

oluta certeza. São frequentes os vidritos. E' praga a assolar o orgão visual, a altera-lo, a confundi-lo, a vidrá-lo, a entampa-lo como se o desgraçado fosse qualquer oleografia cara, sem direito ao ar. E' uma icanal sentado.

anela fechada. Mas que diabo... para que vi-drá-lo assim? Porquê? Tem explicação facil e lógica, absolutamente lógica, fecham-se, ou envidram-se por causa do futuro imposto sobre ianelas, da auctoria do ilustre Mi-

nistro das Finanças! E quando as senhoras entaiparem os seus olhitos mordazes, beliscadores? O que acontecerá, Deus meu! E quando as namoradas — aquelas romànticas de olhos fundos, aveludados, scismadores este enguiço de palavras pertence a um namorado que eu conheço trouxerem dois monoculos em busca do cego amôr?

Talvez, quem sabe se os narizes teem de ser empedrados ou cosidos com linhas de fio de qualquer coisa? Talvez pelo cheiro se adivinhem os amorosos..

Esta coisa de faro já é muito usada entre nós... Quantos vão ao Palacio pelo cheiro... das rosas e crisantemos, etc., etc? Quantos? Ora ahi está. Como as janelas teem de ser fechadas passa a ter supremacia o olfacto. Pelos olhos ainda muita gente se engana. As aparencias iludem, e quasi sempre. Mas pelo cheiro, aposto! Não ha ninguem capaz de se enganar!

Primeiro de Dezembro

Realisou-se no 1.º de Dezembro uma sessão solene, no salão nobre do Centro Comercial do Porto, organisada pela Junta Patriótica do Norte, na qual falou, por parte da Academia, o seistanista de Engenharia Snr. Oscar Saturnino.

O seu discurso, ouvido com significativa atenção por toda a assistencia, foi muitissimas vezes interrompido por apoiados e coroado por uma estrondosa salva de palmas.

Reproduzindo-o na integra, dámos aos ilustres leitores a possibilidade de apreciar as palavras do nosso colega e prestamos homenagem a quem tão desassombradamente sabe dizer as verdades.

Snr. Presidente

data gloriosa dizer o toque clamando «alerta todos os portugues os mais íntimos sen dependência e amor patrio, nesta festa em que se afirma vigorosa-mente o nosso amor á liberdade e o desejo feroz de a conservarmos e defendermos enquanto na arca dos nossos peitos escutarmos o último Neúdo dum coração português, nesta festa não podia faltar a voz da Academia, lial e conovida, a afirmar pela minha boca lumilde a sua Fé rigida e absoluta no destino de esta linda terra, sagrado berco onde se embasm os grado berço onde se embaam os nossos mais belos sonhos de Moci-

E' a Pátria pois que aqui nos chama no cumprimento dun deve, é a Patria que aqui conduz a som-bra escura das nossas capas, qual Filipa de Vilhena que chamisse os filhos para os armar cavaleros da autonomia, cavaleiros negios da Saudade que nós somos, sempre de luto pelas esperanças que criamos e que nos morrem a todos os instantes, mas de cujas almas no alvôr da mocidade brota um infinito caudal de amor e de entu-siasmo onde temperamos as nossas armas de combate, feitas de estudo e de trabalho, para merecermos o grau de cavaleiros da Patria, conquistando lialmente a independência individual, para podermos para fu-turo defender conscientemente a nossa independência colectiva.

Meus Senhores.

- Não vimos aqui fazer uma — Não vimos aqui fazer uma lição de Historia que não é nosso papel ensinar mas aprender; não vimos dar conselhos a ninguem sôbre a atitude a tomas em face da Pátria porque entendemos que êsses conselhos devem surgír espontaneamente da consciência de cada cidadão que se prese de ser livre; nem tam pouco vimos martelar a paciência dos ouvintes a pregar as doutrinas de Frei Tomaz, tam repetidas na nossa terra, mas unicamente iremos lançar na fogueira de patriotismo que aqui in-cendiaram as almas dos bons portugueses, a scentelha de calor das nossas palavras sinceras, em cujas scintilações de lialdade se verifique, sem sombra de duvida, que pode haver a mais absoluta confiança nos homens de amanhã.

— A Academia do Pôrto não

acredita que por agora possa exis-tir qualquer perigo internacional que venha perturbar mais uma vez a nossa independência, porque sente que no intimo de cada indivíduo existe já um tam ardente sentimento de liberdade, que na altura desse perigo se transformariam noutros tantos vulcões a defender com linguas de fôgo, pa'mo a pa'mo, o sacrosanto torrão natal!

- Quando há dois anos se realisou nesta cidade a sessão solene de encerramento do Congresso Luso-Espanhol, a Academia ainda pela minha voz, formulou diante dos catedráticos do paiz visinho a seguinte pregunta ingénua: «se a pequenina Lusitánia, a irmã gemea da Galiza nada teria a recear dum contacto tam íntimo, chamado inter-cambio scientifico, com aquele povo, diante do qual tantas vezes se encontrou em defeza da sua

autonomia?!». -E em nome da noss convicta, nós próp mos á interrogac havia para reces da nossa inde um colossal be feito da nossa e dos nossos s

sente! No passado de mundos e desvendáva rios do Mar atingindo cumes de Beleza que ninguem mais atingiu, e embora êsses tempos á fossem muito distantes, podiamos sempre recordá-los aos nossos de ractores,

exclamando com orgulho sereno:
foi Portugal em prol da Humanidade, em prol da Civilisação!

—E no presente contribuimos

VESPAS

:: GRÊLOS ::

E' vê-los! Sempre em passeio

Rua abaixo, rua acima, Mostrando, num dôce enleio O grêlo azul, a prima...

Se acaso algum se esquece

Ou ás vezes por desmasêlo

Deixa a pasta adormecida,

Toda a gente que aparece

O caso é grave, afinal,

Fica apenas um nabal...

Porto, 6-XII-923.

Pergunta, logo em seguida

doutor, então o grêlo?!

Cá p'ra nós, valha a verdade. Lá se vai a Faculdade!

para a eguerra mundial» com pe-daços da alma lusíada vibrando com o mais puro e desinteressado entusiasmo, queimando-se em cha-mas purificadoras de sacrifício, e embora as compensações pudessem vir a ser insignificantes, restava-nos a consolação suprema de gritar ainda: — foi Portugal em prol da Liberdade, em prol da Democracial E as mesmas palavras com que finalisam esta ordem de ideias perante dezenas de espanhoes, hoje

aqui, na festa da Independência, as repetimos diante de portugueses: «que a Mocidade de Portugal, com os Lusiadas gravados na alma e nos lábios o santo nome de Nun'Alvares, tem uma Fé absoluta na sua Pátria e alimenta toda a esperança numa aurora de compreensão nítida entre os dois povos independentes da Peninsula Ibérica!»

-Mas apezar de tudo nunca devemos esquecer que os tempos são nebulosos e que todas as precau-

ções são poucas. -Porque defender a integridade da nação não é sómente evitar que voltem a pisar o solo português as pesadas tropas do duque de Alba, Junot ou Beresford, mas tambem pugnar com afinco pelos nossos interesses internacionais como paiz antonomo e de poderoso domínio colonial.

-Porque embora exista o duplo baluarte a que nos referimos a defender a nossa independência, nós sentimos todos os dias os golpes e ataque que a muralha vai

— A pezar de termos dado á França o sangue dos nossos herois, houve quem de lá nos cortasse o comercio dos vinhos; — apezar de termos dado a civilisação ao Brasil, houve quem de lá nos expulsasse os Poveiros, esses herois humildes, exemplos da Fidelidade a pôr na Historia ao lado do alcaide de Faria; apezar de sermos velhos e antigos aliados da nobre Inglaterra, há ambições suspensas sôbre o nosso soberbo porto de Lourenço Marques; apezar da nossa visinha Espanha ter recebido com galhar-dia e nobreza os nossos professo-res e estudantes, afirmando-se sempre uma amizade fraternal, há quem nos leve o peixe, descaradamente morto a dinamite nas nossas honradissimas barbas!

-Isto afinal sómente quer dizer que Portugal tem amigos espalhados em todo o mundo; uns são amigos liais e verdadeiros, e mal de nós se os não tivessemos, outros são amigos de Peniche, e ainda a migos de migos amigos emigos amigos emigos outros são tambem amigos... ami-

gos mas negocios á parte! -E' por causa destas duas ultimas categorias de amigos que todas as ocasiões são oportunas, e a de hoje melhor que nunca, para mostrarmos a nossa nenhuma von-tade de nos deixarmos ludibriar e a resolução firme de defendermos os nossos bens, não com fanfarronices de mata-moiros, mas com os direitos que nos confere a Histo-ria da Humanidade, iluminada em muitas paginas pelo genio da nossa

De facto, Portugal encontratra-se em alguns ramos da sua actividade, quasi meio seculo atrazado perante o mundo culto, mas foi porque nos ultimos cincoenta anos para cá duas doenças maleficas, mas não incuraveis, atacaram os portuguezes: uma tremendissima data de sôno e uma grande

falta de juizo.

—Nêste intervalo de tempo varias vezes têm despertado da madôrra, mas por habito tornam a adormecer; acordaram com o «ultimatum» inglês, acordaram com o advento da Republica, acordaram com o repelão terrivel da Grande Guerra, acordaram para rezar quando repicaram os sinos da Batalha à entrada do Soldado Desconhecido, acordaram deslumbrados quando à cruz de Cristo se-

da no espelho infinito do firma--Mas embora as doenças não estejam de todo debeladas, é con-solador verificarmos que nos ultimos tempos já muítas vezes a Raça

guia a rota das caravelas reflecti-

tem despertado com assomos de leão e vôos de aguia. -Portugal ha de caminhar na estrada de luz do seu destino e para isso não lhe faltam energias nem elementos sólidos; o seu maquinismo interno está um pouco desconjuntado, é certo, mas será suficiente o carinho e o tino dos portugueses para o pôr em maria, para o que bastará temperar em aço o caracter dos individuos que nêle sejam funções principais do movimento, polir com uma pro-funda educação moral as peças que trabalham com atrito e lubrificar com uma instrução sadia e bem dirigida todos os contactos das engrenagens mais insignifican-

-Será êste o dificil papel dos novos Mestres e dos homens de valor dos nossos dias que bem saberão cumprir o seu dever, para que amanhã, recebendo nós das suas mãos honradas o relicário santificado da Patria, possamos seguir o seu trilho honrado e deposita-lo, mais enriquecido e mais soberbo, enternecidamente nas mãos dos nossos filhos!»

HOMENAGEM

Trabalha-se activamente para ainda êste ano se inaugurar um busto do grande mestre Dr. Magalhães Lemos. Estamos inteiramente ao lado dos que para tal trabalham e podemos informar que de igual modo pensa a Direcção da Associação dos Estudantes, que na sua primeira sessão resolveu contribuir com 100\$90 para tão justa como oportuna homenagem. Prometemos ocupar-nos mais detidamente dêste assunto, no próximo nu-

NO PROXIMO NUMERO Entrevista com Azeredo Antas, presidente da As-

O estudante e a debilidade monetarial

Toda a gente se queixa homens, senhoras e meninosque a vida está pela hora da mórte. Isto da hora da mórte já é piada!.. mas toda a gente se queixa.

Embora a moeda se desvalorise e a libra suba como qualquer bombeiro por uma magirus acima, nunca se viu tanta fartura como agora. E' interessante. Luxo, cinêmas, teatros, nótas, etc., etc., é o que se vê. A gente das escolas queixa-se do cotão que vegeta com uma exponteneidade brutal adentro das algibeiras, mas o "Excelsior", ao entardecer, recolhe um bom par de cedulas que a população académica, muito de motu proprio, the vai levar.

A Associação dos Estududantes bem clama, bem berra à sã sodidariedade, mas qual quê? a Academia, o bom estudante burguês não pode deixar de ir á baixa tomar o cafezito da móda. E a classe é inteligente e conhecedora dos seus deveres. A capa e batina é um pretexto, como o Testut a causa irremovivel de uma cadeira de fazer arrepiar os cabelinhos.

O "Excelsior" é o centro de cavaco obrigatorio. Fulano, Beltrano e por ahi adeante, ás tantas, estão na baixa cavaqueando e removendo a ultima cedula da algibeira para

o feliz negociante do café. Houve quem tentasse pôr uma cruz em tal vicío. Uma cruz nêgra, de braços bem abertos, quando a pingoleta subiu dos classicos três tostões para o quarenta centavos. Houve quem protestasse e reclamasse o auxilio das auctoridades para tal abuso de preços, mas, no final de contas, as contas ficaram certas e continuou-se na mesma ordem de ideias.

Estas ideias não são más... isso não. Mas seriam melhores se por ventura todos os estudantes se convences em de que a Associação a que pertencem ou devem pertencer thes fornece esse artigo por menor preço e em outro meio. Outro meio, outro ambiente: puramente académico e môço!

MUSICA

Foram belas sessões de Arte as dos dias 30 de Novembro e 3 do corrente, no teatro S. João. Os espectaculos consistiram de audições do pianista polaco Miecio Horzowskí, o qual já não é novi-dade para o Porto, pois esteve cá na risonha idade de 11 anos, tendo executado, no Principe Real, facto curioso, entre outras peças a mesma Sonata, de Mozart, com que nos deliciou desta vez. Já naquela altura possuia uma técnica assom. brosa para a sua idade, tendo-a desenvolvido extraordinariamente como se teve ocasião de notar no

selecto programa apresentado. No primeiro concerto executou magistralmente a Suite Anglaise em mi menor, de Bach, de tal maneira que, parece-me ter sido a primeira vez que ouvi Bach como de facto deve ser interpretado. (Aplaudidissimo). A seguir tocou a Sonata em lá maior, op. 101, de Beethoven, muitissimo bem. E' muito bonita se bem que pouco conhecida. (Fartos aplausos). Findou a 1.ª parte com uma peça do modernista Ravei—: Gaspard de la Nuit que está dividida em: a) Ondine; b) Le Gibet; c) Scarbo. E' uma peça essencialmente descritiva. Gostei, sobretudo, das duas primeiras partes, na ultima das quais, em volta dum dó natural, salvo êrro, imitando uma sineta, desencadeia-se a musica, que traduz as sensações da chamada ao patibulo. A ultima, francamente, é assaz incompreensivel, tendo o nosso publico, que se diz culto, rido e murmurado sobremaneira a ponto do executante se voltar por duas vezes para o auditorio. (Aplausos de favor). A 2.ª parte era preenchida por repertorio de Chopin. A meu vêr, foi surpreendente! Estava sentindo a alma polaca, não se tornando languido nem com basofias a agilidades descabidas. Findaria o concerto com chave de ouro, se não fosse a triste ideia de nos impingir a Andaluza, de Granados, na qual se mostrou deslocado por completo.

O segundo concerto teve pouca

gente, talvez devido ao frio que se rapou no primeiro e ás constipações consequentes, que foram nu-merosas. Além da Sonata, de Mozart, já citada, deu-nos uma Sonata Clair de Lune, bastante enovoada, mas em compensação uns Tableaux d'une exposition, Moussorgsky, que nos maravilharam. Que de acordes fenomenais, sobietudo o das Catacumbas, certas passagens lembrando o Boris Godunoff, emfim, um encanto! A Balada em fá menor, de Chopin, pouco conhecida, é bonita e agradou. O Carnaval, de Schumain, dispensar-se-ía perfeitamente. (Aplausos não exuberantes). A impressão produ-zida pelo Carnaval dissipou-se com o Nocturno op. 27 n.º 2 e a Mazur-ka op. 33 n.º 4, de Chopin, ás quais não faço comentários por ser desnecessário.

ANDANTE CANTABILE.

ELEIÇÕES

HOMA

Cada vez me convenço mais, na minha caturrice às veses massadora para os outros, com o que pouco me ralo, de que a rapasiada parece prender-se menos com os actos académicos que veem à luz no

girar da nossa vida. E para prova, ouvi: às eleições para a Direcção da Associação dos Estudantes vieram • 116 votantes deixar o seu voto, tendo subido a 518 o numero de inscritos ou com direito a

Bonito! Por pequenas coisas se pode avaliar das grandes!

Dorme-se, perguiça-se, olhase para tudo isto como para agua que corre, ou que se faz? Surge et ambula!

E o que se diz disto, do mais se diz.

Palavra d'honra, as nossas reuniões na Associação dos Estudantes são unicas no genero, tirante as do Parlamento lá na alta cidade, que nem

disso se fala. Berra-se, grita-se, não se respeita quem preside, pelo

Tudo barrega ao mesmo tempo, numa Babylónia ensurdecedora e daninha!,

Mas se se berrasse por uma causa justa, nobre, razoavel; que fosse uma berraria nascida do entusiasmo de qualquer opinião, protesto, defesa etc., etc., vá c'os diabos! Mas não, tudo isso é, nas nossas reuniões... para nada.

Certas creaturas levam casos sérios a rir, outras levam a sério assuntos que fazem rir até termos de desabrochar o colete, para não estoirarmos!

O' rapazes, juizo e pensar, pensar, muito pensar!

Liceu Rodrigues de Freitas

80 CONTOS...

Nos Comentarios do ultimo numero demos a perceber que havia alguma coisa de extraordinario com o dinheiro destinado á compra do terreno e inicio das obras do novo edificio do Liceu Rodrigues de Freitas. Terminavamos a nossa local, perguntando ao Senhor Reitor o que havia e hoje gostosamente voltamos ao assunto para explicar com toda a segurança o que se passa, baseados já em informações colhidas na propria

Reitoria. Principiemos. As condições higienicas dos predios em que se encontra instalado este Liceu são as peores que se podem imaginar: reconhecendo isto tem havido tentativas para remediar o mal, tentativas formidaveis, como espantosas teem sido as dificuldades que constantemente aparecem em cascs

Mas por influencia do Conselho Escolar conseguiu-se em 1914 que fosse publicada uma lei no Diario do Governo de 27 de Abril, abrindo um credito de 150 contos para a construção dum edificio. Em 1918 abriu-se o concurso de projectos e nomeou-se uma comissão para fazer a respectiva classificação. A 24 de Junho do ano seguinte fez-se a escritura do emprestimo de 150 contos, "contracto celebrado entre o Ministerio da Instrução e a Caixa Geral dos Depositos. Mas esse dinheiro em vez de sêr posto á disposição do Liceu para compra do terreno e começo das obras, foi, creio eu, para o Ministerio das Finanças e teve, segundo parece, outra aplicação".

Isto nos disse o Ex. mo Snr. Dr. Antonio Simões Pina, digno Reitor do Liceu.

Dai resultaram inumeros trabalhos e arrelias para aqueles que desejam vêr a cidade do Porto livre daquilo que a envergonha.

Só em 11 de Dezembro de 1920 foi autorizada a expedição das ordens necessarias para a entrega de 100 contos. Feita a requisição não conseguiuo Liceu receber o dinheiro a que tinha direito e "só depois de muitas promessas, pude obter os primeiros 70 contos em 14 de Março de 1921. Comprou-se o terreno e de então para cá fiz primeiro requisições pequenas, por conselho do Chefe da 10.ª Repartição da Contabilídade, para mais facilmente serem satisfeitas, mas nem assim. Por mais solicitações que se tenham feito,

A' MARGEM...

fins de Abril, juntamente com o meu colega Santos Nobre, fui chamado á Reitoria da Universidade onde nos falapelo "Porto Academico" e cujo produto se destinasse á construção do Monumento aos Estudantes Mortos na Grande Guerra e para o qual já havia, por subscrição, a quantia de cêrca de tres mil escudos.

Nessa ocasião, porém, ana récita em prol do Asilo de S. João, récita que certamente ainda está na memoria de todos e, assim, prometemos que finda esta, dedicariamos todos os nossos esforços á realização da outra que, pelo seu alto significado, nos merecia o mais profundo carinho e para a qual, estavamos certos disso, nos prestaria colaboração toda a Academia. Passaram-se as semanas e depois... depois deixei de fazer parte do "Porto Academico", a que me prendiam bastantes recordações e amizades.

da festa em que nos falára o sr. dr. Augusto Nobre, procurei o Director do jornal a que pertencera e perguntei-lhe quando ela se efectuaria. A resposta foi, pouco mais ou menos, esta: "a ocasião é má; preciso de me dedicar ao "Porto Academico" e como tu saís-

-"Não importa! Prometi trabalhar nessa obra patriotica e estou á vossa disposição."

Ficou então combinado que eu me encarregaria de tudo e continuasse a apresentar-me como Redactor do jornal organizador auxiliando-me quando e Portugueses!

Recordo-me bem que, em e quanto pudesse o colega S. Nobre, o que ainda hoje, tenho a certeza, fará com o maior dos entusiasmos.

Com o sr. Reitor da Uniram numa Festa organizada versidade tive algumas conferencias, chegando-se a marcar surgiram mais dificuldades e davamos nós trabalhando para ficou resolvido que o festival um colega da F. de L. e poeta lectivo.

E, assim, a nova Direcção dêste jornal concedeu-me, como a outra, plenos poderes para a organização da patriotica festa, e, eu, confio cegamente no valor e sentimento de toda a Academia. E' que, de todas as iniciativas levadas a efeito por Nós, Estudantes do Porto, nenhuma teve um significado tão alto e tão grandioso. Espera, confiado na vosso amôr por Portugal e no Respeito que sentis pelos Nossos Mornão é senão o mais belo e agradavel de todos os Deue-

deixará de acorrer as meu apêlo, como, depois, ninguem esquecerá êsse dia em que a Academia do Porto, numa mesma comunhão de ideias lenum preito humilde, é certo, mas tão sincero como patriotico, aos seus Colegas, aos seus Irmãos mortos na Grande Guerra.

Que Ninguem se esqueça; que Todos sejam Estudantes

NOTAS

Sá da Bandeira: Peças conhecidas: Menina de Chocolate transformada em "café com leite". O ano passado a minha impressão foi traduzida nesta frase "que saudades da Companhia Maria Matos". Desta vez acrescentarei: "foi muito quasi todos quizeram ser au-

Gente alegre—3 esplendidos actos dos Irmãos Quinteros. Desempenho bom. Adelina soberba no "travesti". Não compreendi a razão da salva de palmas (2.ª noite) a Aura Abranches no monologo do 2.º acto. Nem eu... nem ela, certamente.

Flor de Maio-original português de Antonio Guimarães. Peça regional, urdida com saber, com scenas de efeito e alguns ditinhos picantes.

Adelina, Azevedo e A. da Silva admiraveis.

Sacramento e Oscar Soares muito bem.

Os restantes, com Fernanda de Souza á frente, seguros, apenas José Soares fracassou um pouco.

Peças Novas: Avalanche, 3 actos de Armando Ferreira. O auctor foi infeliz. Ideias daquelas não deviam ser transportadas para o palco. Ninguem se compreende, tudo é falso e depois o lirismo dos dialogos é belo para livro mas mau para teatro. Fracassou o auctor como podia ter vencido. Outra vez será.

De bom, e isto merece re-ferencia, o desempenho por parte de todos. Aquele olhar - 3 actos de

Aura Abranches. O novo trabalho de Aura tem pouco teatro mas consegue prender o publico, o que não, admira porque se uma desgraça nos chama, uma serie delas (como aqui) nos atrai. Valor literario não tem. Abuza-se dos disparates dos novos

80 contos que nos devem".

Assim termina o Snr. Reitor

do Liceu Rodrigues de Freitas

o relato do estranho caso que

teve o seu inicio ha nove anos!

Tendo-se feito um em-

prestimo, para que se desviou o dinheiro do

fim a que estava des-

tam foram indevida-

mente levantados por

alguem? Aqui está o que

Os 80 contos que res-

tinado?

ricos em demasia o que chega a aborrecer e por vezes Aura trabalhado.

Aquêle final desagradou-me, posto seja novo. Concluindo, é mais uma peça que pode enfileirar na categoria das fracas. O desempenho muito bom, explendido por vezes. Adelina via ser sempre mesmo quando os papeis não valem nada, pois o seu nome figura na vanguarda dos nossos artistas.

Peça de estreia — Cama, meza e roupa lavada, 3 actos de A. Leite e C. Barbosa.

berbo como sempre-Jesuina bem, assim como Santos Melo - Corina Silva agradou-me e Jorge Grave esteve esquecido. Os outros regulares. Para finalizar deixei Cremilda de Oliveira. Uma artista que quer marcar tem obrigação de não andar constantemente a rir-se

uma peça de dois portuenses.

Nacional — Belo Sexo, revista de A. e Souza e A. Bar-

lização da festa, pois no dia 23, salvo êrro, deviam partir para Espanha os srs. Professores afim de tomarem parte no Congresso. A' ultima hora a maior das atenções está esseria levado a efeito nêste ano

Ninguem faltará, ninguem vantou bem alto o seu Nome nossa Universidade. O passeio

recordou peças em oue tem

Aguia d'Ouro-Companhia Cremilda-Chaby.

Este trabalho é já conhecido e certamente não é dos melhores dos dois portuenses. A peça é unica e simplesmente Chaby.

Desempenho: Chaby - soem scena.

E' um mau defeito a que Cremilda procurará pôr fim assim como tentará declamar como é uzo nos nossos palcos e não da forma como o faz esta época. Merece louvôres a ideia de se terem estreado com

A peça já deu muito que falar e é como todas as outras uma miscelanea de numeros maus e bons. Do desempenho falarei no proximo n.º; neste apenas direi que o actor Soares Correia faria melhor em cingir-se unicamente ao seu papel em vez de andar a meter frases sem piada alguma. Haja um pouco mais de consideração pelo Publico. Se os auto-

não há maneira de arrancar os o "Porto Academico" deseja saber. Apelamos para o Snr. Ministro, apelamos para o Par-lamento e levantando esta questão de tamanho interesse para um importante estabelecimento de ensino desta cidade, ficamos convencidos que prestamos um bom serviço á Instrução no nosso paiz.

Ai fica a exposição dos factos. Analise o leitor e veja se é justificada ou não a nossa

indignação! E por hoje, basta. res dão "pimenta" é preciso que os artistas a saibam ofe-

NOVIDADES

recer.

Afirma-se que o distinto, poeta Abilio de Mesquita vai escrever uma peça para o espectaculo de despedida do 5.º ano medico. Será a ocasião de mais uma vez apreciarmos as qualidades literárias do nosso prezado colega e amigo.

Na festa a realizar brevemente, e cujo produto se destina á construção do monumento "aos Estudantes Mortos o dia 20 de Junho para a rea- na Guerra", haverá surprezas de sensação que muito devem agradar.

-Diz-se que um aluno da F. de S., que ao Teatro dispensa crevendo, de colaboração com muito conhecido, uma peça em 2 actos com moldes completamente novos e cujo assunto prenderá a atençã dos espectadores no maxii

O importante semanario de Lisboa "Jornal dos Teatros" pela pena do seu distinto correspondente nesta cidade o actor Carlos Dubini, fez referencias ao "Porto Academico" e a esta Secção Teatral, referencias que muito agradecê-

-Corre por ai, que o aluno tos, a vossa boa-vontade e au- da F. da S. em que falei mais Como nada ouvisse ácêrca xilio que, afinal, nêste caso, acima, juntamente com um colega da F. T. está escrevendo uma revista em um acto sendo a musica de dois rapazes muito conhecidos. Um dêles é, aluno da F. S. e trabalhador incansavel do Orfeon; o outro é quintanista de Medicina.

-Para Hespanha partiram em excursão alguns alunos da foi organizado pelo 3.º ano de Sciencias, e darão espectaculos nas terras a visitar. Do programa fazem parte, as comédias "Pouca Vergonha" e "Os dois inseparaveis", atém de fados, guitarradas e recitativos. Constituem o corpo scénico, entre outros: Rogerio de Oliveira, José Moreira, A. Mendes, M. da Cunha, Serpa, João Ribeiro, etc. e é seu ensaiador o nosso bom amigo, e actor Adriano Guimarães. Ao Rogerio e José Moreira mil desejos de que sejam coroados de sucesso os seus trabalhos e que esta excursão honre em terras de Hespanha o nome da nossa Academia.

Novela de Portugal

Historia de um urso por Pina de Morais.

E' uma apreciação ligeira, muito rapida, a que fasemos á "Historia de um Urso", pelo nosso distinto colega Pina de

O auctor de o "Ao Parapeito" é conhecido em demasia pelo nosso publico, desnecessitando por isso de quaisquer divagações que viessem traçar

o seu perfil literario. A sua prosa limpida, sem aparatos, sem quaisquer enfeites a sugeitar ideias, delicía pela simplicidade e maleabilidade, traduzindo corrente e perfeitamente toda a evolução espiritual que o torna artista. A historia de um Urso, é a

historia constante dos brinquedos e das creanças. E' uma scena no tablado

do lar. Perfeita, simples e evocativa. O urso é o brinquedo de uma loirita de cinco anos. E a pobresita é um brinquedo de sua propria imaginação "Pensava-se toda do Urso afiñal - afinal! - ainda havid

que dar a outrem!" E por ser loirita, Pina de Morais, acentua a proposito,

como prático da vida: "As mulheres teem a faculdade de ampliar a alma para darem mais a quem queremquando nada mais querem dar, egoistamente, pensam que deram tudo. De qualquer, sorte os homens pensam-se amados.

A Sim - Sim (a loirita) ao recolher a casa (o urso pesou muito mais que á ida) no socego do seu quarto, viu vagarosamente esfumar-se o palhaço de pratos e quedar-se num canto do quarto a figura desageitada e querida do urso".

E' que a pequenita se queria muito ao urso, agora queria muito mais a um palhaço. E a historia segue.

Emfim, Pina de Moraes, dá-nos, numa conversa amêna, mais um conto que só ele o sabe contar.

MARTINS FERREIRA.

Marques Gomes (FILHO)

Abriu-se o ano passado uma subscrição para compra dum objecto de arte a oferecer ao incansavel Presidente do Orfeon. Como alguns dos subscritores ainda não entregaram as respectivas quantias, lembramos a conveniencia de o fazerem ao nosso colega Braga Real.

Miserias...

Em todas as classes, em todas as sociedades, em todos os meios houve sempre alguem por seu mal e vergonha de todas - que consciente ou intemente comprometeu nais requintados brios de pessoal. Isto vem rodos de descrição

a proposito de uma ealizada por dois eses de uma Académia do Sul. A partida que pode ter imensa graça tem, entretanto, o ferrete desgraçado do crime. Do crime!

e em moldes dou-

Dois académicos de um curso superior—tavez por ironia -entraram na Faculdade de Letras do Porto e roubaram os guarda-chuvas dos estudantes que estavam em aulas. Apôs êste acto heroico empunharam o roubo e tomaramse do vinho como qualquer safardana da Ribeira ou de Madragôa!

Se o roubo descarado tem pilheria, o Limoeiro, a Penitenciaria e todos os outros presidios distribuidos, infelizmente, pelo paiz, não passam de uma ironia!

Como acreditar que semelhante acção represente uma partida de estudantes?

O "Pé de Cêra" e todos os seus cumplices não passam de divertidos que tentaram ferrar uma partidinha a diversos prestamistas, escarnecendo do

Não queremos ferir nem atingir ninguem. Não está nos nossos habitos o vir a publico acusar e, de mais a mais, co-

Mas o que não podemos consentir é que esses esturdiantes enverguem, entre a Academia do Porto, nma capa e batina. Isso não!

Associação dos Estudantes do Porto

Como fôra anunciada, rea-lizou-se no dia 28 do mês passado a Assembleia Geral ordinária para apresentação do Relatório, Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal. As contas foram aprovadas excepção da parte referente Comissão dos festejos carnavalescos cuja discussão ficou adiada para o dia 3 de Dezembro. O Conselho Fiscal propoz dois votos de louvor; um ao Tesoureiro pela maneira consciente como apresentou as contas e outro á Direcção pelos serviços prestados á Aca-

No final foi aprovado por unanimidade um voto de louvor á Direcção e ao Conselho Fiscal pela fórma correcta como desempenharam o seu mandato.

Nesta mesma Assembleia olvidas as condições o dos alunos dos dustrial, Comercial le Comercio, bem ola de Belas-Ar-

No dia 29 realizaram-se as eleições para os Corpos Gerentes do ano de 1923-24. Notou-se grande abstenção, tendo tido o seguinte resultado:

Assembleia geral

Presidente, Oscar Saturnino; vice-presidente, Braga Real; secretario, Martins Ferreira; 2° dito, Serafim Lino; 1.° vice-secretario, Antonio Lage; 2.º dito, Marcelo Fernandes.

Direcção

Presidente, Azeredo Antas; vice-presidente, Silva Leal; tesoureiro, Fogaça Guimarães; 1.º secretario, Luiz Pina; 2.º dito, Melo Duque; vogais: João Espregueira Mendes, Julio Vouga, José Belchior. Vidal Pinheiro. Abreu Leitão, José Ta- rentes ultimamente eleitos.



SCIENCIA E DESPORTO

Não resistimos á tentação de resumir para os leitores do "Porto Academico" um denum dos ultimos numeros da revista parisiense "L'Illustration", em que se põe em relêvo a maneira brilhante como um jovem professor da Universidade de Toulouse, aliando à sua qualidade de sabio eminente os méritos dum verdadeiro homem de desporto, conseguiu reivindicar para a sua patria mais uma corôa de gloria, a juntar às muitas de que ela mui justamente se

Eis, em duas palavras, o caso de que se trata:

Existe num monte junto da povoação de Saint-Martory (Haute-Garonne) um ribeiro de pequena importancia que, depois de serpentear pela encosta numa extensão não muito grande, se introduz por uma fenda do solo, indo reaparecer na outra vertente da montanha, após um percurso subterraneo de cêrca de 1.200 metros.

M. Norbert Casteret, é êste o nome do citado professor, ha muito já que andava empenhado em estudar a maneira de percorrer o curso de agua subterraneo, porque tinha boas razões para supôr que encontraria comunicação com alguma caverna, primitiva habitação dos nossos antepassados. Não se enganou, como vamos vêr.

A exploração da galeria, porém, oferecia sérias dificuldades, á primeira vista insuperaveis e de tal ordem que já muitos outros homens de sciencia tinham abandonado a ideia de a realizar. Só um homem com uma vontade de ferro e uma confiança ilimitada nos seus recursos seria capaz de levar de vencida todos os obstaculos com que a natureza parecia ciosamente guardar os segredos da Criação.

Esse nomem apareceu emfim: M. Casteret, investigador apaixonado, eximio nadador e campeão de duração de estada debaíxo de agua. Um dia, preparatórias, o arrojado explorador aprontou-se para levar a cabo a sua temeraria empreza. Tinha, nem mais nem menos do que aventurar-se a nado pelo canal subterraneo até encontrar o primeiro ponto em que a abobada, descendo abaixo do nivel da agua, dava origem a um verdadeiro

Aí, guardando numa bolsa de caoutchouc as velas e os fosforos de que vinha munido, o intrépido nadador mergulhava, lançando-se no desconhecido da agua e da obscuridade absoluta.

Transposto o cotovelo, outro aparecia e mais outro e ainda outro. E, sereno, vensenvolvido artigo publicado cendo com a sua braçada vigorosa a corrente fortissima que lhe contrariava o avanco. sem recear o esgotamento fisico, despresando a asfixia, com a certeza absoluta de que um desfalecimento, uma caimbra, uma tontura era a morte sem salvação possivel, pois que, perto do seu semelhante, podia dele esperar menor auxilio do que o marinheiro no alto mar, ele avançava, avançava sempre, repetindo a manobra a cada nova curva transposta. Um tal esforço não poderia ficar sem recompensa e assim, numa galeria sêca que desembocava no leito subterraneo do ribeiro, deparou-sethe um verdadeiro museu prehistorico!

Nas paredes dessa gruta, encontrou gravados a silex, uma grande quantidade de animais, alguns dos quais pertencentes a raças extintas ha milhares de anos. Mais além, deparou com um certo numero de ossos de diferentes animais, bisões, renas, cavalos, leões e entre eles um cubito

humano. Que tragedia não se teria desenrolado naquela gruta, em cujas paredes apareciam ainda bem nitidas as impressões deixadas pelas garras dos

Porém, o mais interessante das descobertas foi o achado de uma série de estatuas e baixos relêvos de argila, representando animais, porquanto até essa data apenas existia em todo o mundo um exemplar de modelagem prehisto-

Não nos alongamos mais na apreciação do valor scientifico das descobertas. Falha-

nos a competencia para tal. O que não podemos, porém. deixar de fazer é apontar este exemplo a todos os de-tractores do Desporto, àqueles que o consideram como um divertimento comparavel a tantos outros, dos quais o não sabem ou não querem apartar. Crêmos que ficarão convencidepois de varias experiencias dos de que o Desporto alguma utilidade pode ter, além daquela, que por si só bastaria para o impôr, qual é a de contribuir para o desenvolvimento equilibrado do nosso

> Tambem os que julgam que a prática do exercicio físico é incompativel com o trabalho intelectual devem ficar um pouco abalados nas suas crenças, ao atentarem no que atraz fica escrito.

Pela nossa parte, dar-noshemos por satisfeitos, desde que, de todos eles, um só se compenetre da falsidade dêsses tolos preconceitos.

FOOTBALL

campeonato dissemos no ultimo numero, muitos dos que a estas coisas ligam alguma atenção devem ter estranhado o facto de não ter sido ainda publicado na imprensa diaria o calendario dos encontros.

Mais do que um já terá dito até que o campeonato se não realisa, que a Comissão de Desportos não trabalha, enfim o que nestes casos é sempre costume dizer-se. Estamos daqui até a ouvi-los, depois de rapidamente terem lançado os olhos a esta secção: mas, afinal de contas, de que tratam esses senhores, que nem no orgão da Associação publicam o mapa dos desafios?!

A explicação é simples. O Dr. Urgel Horta, que actualmente preside aos des-

Em face do que sobre o tinos da Associação de Football, manifestou desejos de se avistar com alguem da Direcção da A. E. P. para trocar impressões sobre se haveria possibilidade de o nosso campeonato ser tornado oficial por aquela entidade.

Procurado por dois membros da Comissão de Desportos, ficou resolvido, depois de devidamente estudado o assunto, que elaborariamos um Regulamento para ser submetido á apreciação da Associação de Football que, no caso de o aprovar, concederia ao nosso campeonato a sanção oficial. Resta-nos dizer que desse trabalho foram encarregados os nossos amigos snrs. Anibal Leitão e Alberto Valente, cuja competencia técnica nestes assuntos é indiscutivel.

veira. Bessa Ribeiro, Antonio J. Fernandes, Joaquim Bravo e Carmilo Araujo.

Conselho Fiscal

Presidente, Tito!ivio S. Mota; 1.º secretario, Arnaldo Fontes; vogais: Pinto de Almeida, Pinto da Fonseca e Jorge V. de Araujo.

No dia 4 do corrente tomaram posse dos diversos cargos os membros dos Corpos Ge-

Usaram da palavra os srs. drs. Modesto Osorio, presidente cessante, Petronilho e Azeredo Antas, novo presidente. A posse foi dada pelo colega Serafim Lino. membro da Assembleia Geral.

No Proximo Numero HOSPITAL CÁ DA FOLHA Seccão de análises, consultas e autópsias, dirigida pelos drs. Raio X & R. Q. o P.

H5 MELHORES SOBREMESHS são as Fructas secas da CASA FAVORITA-Porto



PASTELARIA CONFEITARIA

Veloso, Dias & Castro, L

Sortido completo em todos os generos de mercearia, vinhos finos, champagne, licores nacionaes e estrangeiros. Unico deposito no

Porto do famoso PÃO DE LÓ DE MARGARIDE

Formosa, 339 - PORTO - Telefone, 878

Especialidade em Generos do Brazil, Chá e Café

398, Rua de Fernandes Thomaz, 397 - A

Artigos de Modas e Miudezas, Pelarines, Regalos em peles de varias qualidades. Sempre um grande e variado sortido da sua especialidade. Retrozes meias, peugas, lenços, perfumarias, sedas, panos brancos, tules, rendas e

PARA BORDAR ARTIGOS

da Liberdade—18—PORTO 17 — Praça

DE Fernando Machado & C.a, L.da

Compra e vende toda a qualidade de livros novos e usados. Obras nacionais e estrangeiras.

Comprae os vossos compendios na Companhia Portugueza Editora, pois é a casa que tem o maior sortido em livros escolares adotados para os cursos de instrução primária, secundária e ensino superior. Completo sortido de papelaria e material escolar.

Companhia Portugueza Editora-(Sucursal)-Rua do Almada, 123-PORTO

TIPOGRAFIA O PRIMEIRO DE JANEIRO

CASA DE OBRAS

R. Santa Catarina, 324 a 326 Teleiones, 48 e 47 - PO RTO

PAPELARIA INDUST

E TIPOGRAFIA

23, Largo do Carmo, 23 - PORTO

Completo sortido em objectos de escritorio e desenho. Especialidades. Papeis de luxo. Carteiras e bilhetes de visita. Canetas de tinta permanente.

Preferi o calçado

da Portuga

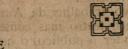
Deprisito n.º 1

Rua 31 de Janeiro, — PORTO

-ARMAZEM DE MODAS

Confecção de chapeus para senhora. Os melhores modelos de Pariz.

Casa Natividade



JOAO BAPTISTA DAS NEVES

111, R. de Cedofeita, 115 - PORTO

Esta casa abriu a estação de inverno e tem em exposição permanente os chapeus de mais fino gosto, para senhora e criança.

Uma visita á Antiga Casa Taveira (Rua de Santa Catarina, 399 a 403 e Rua de Fernandes Tomaz, 301 a 319) convencer-vos-há de que não podereis encontrar noutra parte um mais completo sortido de las para vestidos :: :: e de casacos para senhora e creança :: :: ::